

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

GABRIELE RIBEIRO DOS SANTOS
MICHELLE FERNANDES MADERGAM

Profa. Dra. Milena Moretto

**A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: LER PARA ALÉM
DOS PROPÓSITOS ESCOLARES**

Itatiba

2022

Agradecemos a nossa parceria, e aos alunos que contribuíram para a realização da pesquisa. Foi de suma importância a participação de cada um.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus por nos conceder a oportunidade de vivermos esse momento tão marcante em nossa vida;

A nossa parceria, enquanto dupla na realização deste trabalho, por sempre nos apoiarmos nas decisões do que fazer;

Agradecemos também a nossa orientadora, Milena Moretto, que incentivou, ajudou e nos conduziu para despertarmos o nosso melhor diante do nosso tema;

E a nossa família que desde o início se fez e faz presente nessa nossa trajetória;

Às colegas de sala, que fizeram com que essa jornada fosse mais empolgante e especial;

A todos os professores que passaram por nós nesses últimos anos e por serem verdadeiras inspirações. Agradecemos a todos vocês por acreditarem, lutarem e por nos apoiarem em nossos sonhos.

A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: LER PARA ALÉM DOS PROPÓSITOS ESCOLARES

Gabriele Ribeiro dos Santos

RA: 002201803038

Michelle Fernandes Mardegam

RA: 002201802999

RESUMO

O trabalho com a leitura tem sido foco de muitos estudos nos últimos anos, já que, historicamente, no contexto escolar, ela tem sido realizada por “obrigação”, uma vez que as práticas pedagógicas giram em torno de levar os alunos a lerem para responder questionários, preencher fichas de leitura, negando-lhes o trabalho com outras possibilidades. Esse contexto acaba desmotivando e, muitas vezes, levando os estudantes a um desgosto pelo ato de ler. Diante desse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo compreender como crianças do 5º ano do ensino fundamental significam o trabalho com a leitura no contexto escolar. Teve ainda como objetivos específicos: 1) analisar como essas crianças veem a escola; 2) identificar se as práticas pedagógicas têm incentivado a leitura por prazer. Para isso, realizamos uma roda de conversa com sete alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Itatiba. Os resultados desta pesquisa mostram que, apesar de diversos estudos acadêmicos, muitas escolas ainda não trabalham a leitura como prazer, mas focam seu trabalho na avaliação.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Leitura Prazerosa; Práticas de leitura

INTRODUÇÃO

O gosto pela leitura deve ser iniciado desde cedo, uma vez que quanto mais antecipadamente a criança entrar no mundo da leitura, mais rápido cria-se o hábito de ler. Sabemos que ler é uma atividade que demanda uma série de objetivos: lemos para saber, compreender, refletir, para sonhar e aprender a sonhar. Ler por prazer é um desses objetivos, em que ultrapassamos o comum, alimentamo-nos do inesperado, saímos do cotidiano e embarcamos na fascinante trama simbólica do texto. A par do desejo de ler, se tem um leitor movido pelo desejo de viver, de experimentar de maneira virtual o real.

A apropriação pelo gosto de ler é uma condição cada vez mais necessária para a plena participação social, dado o contexto atual, entregando-se à informação e ao conhecimento sem limites. O trabalho com a leitura tem sido foco de muitos estudos nos últimos anos, já que,

historicamente, no contexto escolar, ela tem sido realizada por “obrigação”, uma vez que as práticas pedagógicas giram em torno de levar os alunos a lerem para responder questionários, preencher fichas de leitura, negando-lhes o trabalho com outras possibilidades. Esse contexto acaba desmotivando e, muitas vezes, levando os estudantes a um desgosto pelo ato de ler. Diante desse contexto, esse texto teve como objetivo compreender como crianças do 5º ano do ensino fundamental significam o trabalho com a leitura no contexto escolar. Teve ainda como objetivos específicos: 1) analisar como essas crianças veem a escola; e 2) identificar se as práticas pedagógicas têm incentivado a leitura por prazer.

Para tais fins, foi realizada uma roda de conversa com sete alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Itatiba.

Diante desse contexto, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos a fundamentação teórica que discorre sobre a concepção de leitura e suas finalidades; em seguida, exporemos os procedimentos metodológicos que apresentam como os dados foram produzidos e analisados; posteriormente, apresentamos nossas análises da roda de conversa realizada com os estudantes, seguida de nossas considerações finais.

1. O TRABALHO COM A LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: EM BUSCA DO PRAZER DE LER.

Neste trabalho, assumimos uma concepção de leitura social e interativa, uma vez que de acordo com Solé (1998), ler é mais do que apenas decodificar informações. A autora apresenta que lemos com diferentes objetivos e isso precisa ser ensinado na escola. Um dos objetivos apontados por Solé (1998) é a leitura por prazer.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, tem se tornado um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, norteando o ensino em todo o Brasil ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. O documento norteador prescreve então que, o trabalho com a leitura

compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema,

gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e significa em muitos gêneros digitais. (BNCC, 2018, p. 71)

Entretanto, ao se falar sobre a leitura no Ensino Fundamental, se busca refletir sobre esse conceito de leitura por prazer, levando em consideração essas mudanças que ocorrem com os alunos das determinadas fases, bem como o papel do professor nesse processo.

Krug (2015), em seu artigo sobre *A Importância da leitura na formação do leitor*, cita a importância da leitura para a formação do indivíduo, o que contribui de forma significativa para a sua análise diante da sociedade, do seu dia a dia e que amplia a sua visão e interpretação sobre o mundo. Mas, para que isso ocorra, a leitura precisa ser em um ambiente favorável, bem como se respeitar o nível sociocultural do leitor. Desta forma, a BNCC enfatiza a necessidade de um trabalho voltado para os diferentes objetivos de leitura.

O ato de ler torna o aluno um ser crítico e participativo na sociedade em que está inserido. Por meio dessa prática, eles passam a interagir com o meio físico e social e para que o estudante goste de ler é necessário que se tenha um ambiente agradável de leitura e que o mesmo seja incentivado para isso. Todavia, muitas vezes, na escola, o aluno se vê na obrigação de ler, o que acaba tornando a leitura chata e desprazerosa, afastando os estudantes dessa prática cultural.

Krug (2015, p.2) diz que o professor é o responsável pela mediação da prática da leitura, é ele quem deve elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, pois quem se relaciona com livros de uma maneira, segundo ela, preciosa, será detentor do poder de gerar novos bons leitores.

Ao analisar a fala da autora, nota-se a importância que se tem o professor nesse processo de mediação, pois é nessa relação de interação que o aluno se apropriará das práticas formais de educação e, conseqüentemente também, gostará ou não de ler.

Sousa (2010) em seu trabalho sobre *A Interrelação Professor/ Aluno no processo de Aquisição da Leitura*, traz o quanto é fascinante o mundo das letras, e que saber identificar e entender o significado que está no papel leva o aluno a conseguir decifrar, cantar ou mencionar, através da linguagem e isso é algo que muitos almejam.

Considerando que quando a criança ingressa na escola, ela já traz consigo um conhecimento prévio do mundo e das realidades que a cercam e que é a convivência com as pessoas e com os pais que eles têm as primeiras aprendizagens da vida, incentivar o hábito de ler se faz necessário. Nesse sentido, se a criança convive em um lar em que nenhum dos indivíduos tem o hábito da leitura ou nenhum momento para ler para eles, possivelmente a

criança não verá significado nisso e na escola ele verá esse processo como uma obrigação, apenas uma tarefa escolar.

Quando analisamos os textos de Krug (2015) e Sousa (2010), vemos o quanto o outro é importante nessa relação de uma criança com o mundo e com o meio que vive, pois a mesma observa e se apropria de tudo ao seu redor desde a concepção. É essa relação com o eu-outro que faz com que se obtenha o desenvolvimento necessário.

A BNCC (2018, p.58), neste sentido, reforça que é através das experiências em seu contexto familiar, social e cultural, partindo de suas memórias e seu pertencimento a um grupo, que a criança interage com diversas tecnologias de informação e comunicação, obtendo a sensibilidade ao aprender, expressar-se e atuar no mundo.

Mediante o exposto, Sousa (2010) retrata que quando a leitura e a escrita são trabalhadas de uma forma descontextualizada da vida e dos contextos sociais em que o indivíduo está inserido, torna-se inviável uma aprendizagem significativa. Se antes a prática educativa era tradicional e o educador era o principal ator do processo de ensino/aprendizagem, hoje a instituição escolar preza por uma nova concepção pedagógica em que a aprendizagem se dá na relação eu-outro.

Diante disso, Krug (2015) reforça que cabe ao professor desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres e deve usufruir da prática da leitura contribuindo com o exercício de uma cidadania justa e crítica, pois ao buscar essas novas práticas leitoras, o estudante tem oportunidades de sempre renovar, melhorar, significativamente seu conhecimento literário, dando-lhe a capacidade de criar e ampliar seus conhecimentos culturais.

Se o educando compreender que ele pode ter a leitura não como “obrigação”, mas como um prazer, ele vai construir uma ponte entre o saber e o ler. Além de ser um aluno mais participativo e confiante em expor suas ideias, a leitura não ficará apenas em sala de aula.

Sendo assim, o educando compreenderá de perspectivas diferentes o que é a leitura e a sua importância, bem como quais objetivos ela lhe trará. O professor mediador desse ensino é quem irá provocar esse interesse do aluno pela leitura não só a de livro físico, mas também a leitura de mundo, pois mesmo que ele não possua um ambiente familiar onde haja pessoas leitoras, ele poderá ser um leitor e quem sabe assim, incentivar as pessoas do seu meio físico. Contudo, a escola precisa estar aberta a essas possibilidades de ensino.

Krug (2010) retrata que “saber ler” e “ formar um leitor” são coisas diferentes e que precisam ser consideradas, pois a primeira se reduz a decifração de mensagem simbólica,

enquanto que a segunda o leitor se torna um sujeito ativo que tem sede de aprender e ler.

A autora ainda retoma que “A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito” (KRUG, 2010, p.3). Segundo ela, essa decodificação proporciona ao leitor contato com o seu significado seguindo então de acordo com o seu conhecimento de mundo, o que possibilita que todos ao lerem o mesmo conteúdo, obtenham compreensão e interpretação diferentes ao interagir com o texto e seu significado.

E essa compreensão diversificada é o que faz com que o aluno seja um leitor crítico independente do texto ou livro que esteja lendo. Ele passa a valorizar suas aprendizagens anteriores e exteriores à escola, aprendendo uma nova forma de ler através de diversas possibilidades, não sendo apenas na escola que precisa ler e interpretar, e sim na vida toda. O professor e a instituição de ensino conseguem então, aos poucos, fazer com que o aluno sinta esse prazer e busque leituras com contextos variados para o seu cotidiano.

Os autores Forteski, Oliveira e Valério (2011) referem-se em seu artigo *Prazer Pela Leitura: Incentivo e o Papel do Professor*, que o gosto pela leitura deve ser iniciado desde cedo e quanto mais cedo se iniciar nesse mundo da leitura, mas cedo eles irão gostar de ler, formando assim bons leitores.

Complementam ainda que é importante disponibilizar diferentes gêneros textuais para que o aluno produza novas ideias e que possa interpretá-las.

Considerando que o aluno não pode ter somente a leitura por prazer, mas também ser ensinado nas demais estratégias, é preciso levar os alunos a compreender.

Portanto, é essencial que a escola seja mais do que uma instituição onde apenas se acumula conhecimento, mas que ensine o aluno a raciocinar, desenvolvendo a criatividade, imaginação, o espírito crítico e que também entusiasme-o para que consiga adquirir aprendizado, buscando trabalhar com diversos objetivos e modalidades da leitura na resolução de um problema prático.

Esses objetivos de leitura são múltiplos: lemos para saber, compreender, refletir, por emoção, para sonhar e aprender a sonhar. Ler com prazer é ultrapassar o comum, alimentando-se do inesperado, saindo do cotidiano e embarcando na fascinante trama simbólica do texto. A par do desejo de ler, se tem um leitor movido pelo desejo de viver, de experimentar de maneira virtual o real.

2. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos a serem utilizados para a produção dos dados da pesquisa.

A pesquisa intitulada “A Leitura no Ensino Fundamental: Ler para além da obrigação” é de abordagem qualitativa. A influência dos métodos qualitativos no estudo de várias questões educacionais é cada vez maior (BOGDAN; BIKLEN,1994) e, de acordo com Flick (2009, p.25),

[...] os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimentos, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentados em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto.[...]

Este artigo teve como objetivo compreender como crianças do 5º ano do ensino fundamental significam o trabalho com a leitura no contexto escolar e como objetivos específicos: 1) analisar como essas crianças veem a escola; e, 2) Identificar se as práticas pedagógicas têm incentivado a leitura por prazer.

A motivação para essa temática de pesquisa surgiu a partir das nossas experiências durante os estágios realizados no decorrer do curso de Pedagogia, através dos quais percebemos que a leitura se tornou apenas aquela realizada por “obrigação”, para atender as demandas da escola. Isto é, as práticas pedagógicas se resumiam a levar os alunos a lerem para responder questionários, preencher fichas de leitura, negando-lhes o trabalho com outras possibilidades, o que parecia gerar o desprazer pela leitura por parte dos alunos.

Considerando esse contexto, é que buscamos realizar uma roda de conversa com alunos do 5º ano do ensino fundamental para compreender como eles têm significado as atividades de leitura propostas pela escola. Participaram do estudo os seguintes alunos.

Nome¹	Idade
Bianca	12 anos
Carlos	12 anos
José	12 anos
Isabela	12 anos
Renata	12 anos
Gustavo	12 anos
Heitor	12 anos

Todos eles estudam em uma mesma sala de uma escola do município de Itatiba. Essa escola atende alunos do ensino fundamental I e II e está localizada em um bairro afastado da região central. Contamos, para nossa investigação, com a participação de 7 alunos do 5º ano do ensino fundamental.

Como instrumento de produção de dados, foi realizada uma roda de conversa tendo como base os pressupostos da entrevista narrativa. Todavia, para facilitar esse processo de entrevista, como são crianças, seguimos as orientações de Passeggi (2018). Levamos um fantoche de um vovô denominado Bento, e conversamos com os alunos em um bate papo relacionando com as perguntas que fizemos a eles durante a roda. Diante disso, os alunos relataram suas experiências com a leitura dentro e fora do ambiente escolar, bem como as atividades que eles mais gostam de realizar em sala e como são as suas leituras no ambiente educacional. Para isso, construímos o seguinte roteiro norteador:

1. Conte ao vovô Bento como é a sua escola e o que vocês gostam ou não de fazer nela.
2. Conte a ele também o que vocês leem na escola.
3. Vocês gostam das atividades de leitura que a professora realiza? De que vocês gostam e de que não gostam?
4. E na sua casa, você e sua família têm realizado leituras que você goste?
5. O que vocês gostariam de fazer na escola?

A roda de conversa com os alunos foi de forma dialógica, e para a realização das entrevistas, foram utilizadas áudiografações que, posteriormente, auxiliaram na transcrição dos dados. Antes da realização da roda de conversa, em primeiro lugar, os pais foram informados sobre a atividade de pesquisa e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Feita

¹ Os nomes dos sujeitos participantes são fictícios para preservar a identidade de cada um deles.

a roda, houve a transcrição dos dados para análise posterior.

Para que pudesse ser realizada a análise da roda de conversa com os estudantes foi necessário, a partir das transcrições, a organização de eixos de análise que foram estabelecidos a partir das convergências e divergências das respostas dos depoentes. Assim, selecionamos como eixos de análise: 1) os estudantes e as percepções sobre a escola; 2) a percepção de leitura deles no contexto escolar.

3. A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR PARA AS VOZES DOS ESTUDANTES

Nesta seção, apresentamos nossas análises sobre a roda de conversa realizada com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

3.1. Reflexões sobre a leitura desenvolvidas com alunos do 5º ano do ensino fundamental

Para que pudessemos compreender como crianças do 5º ano do ensino fundamental significam o trabalho com a leitura no contexto escolar, realizamos uma roda de conversa com alunos de uma escola pública do município de Itatiba. Primeiramente, entramos em contato com a professora que indicou os sete alunos participantes. Após o termo de consentimento livre e esclarecido ter sido assinado pelos pais, reunimos esses alunos na biblioteca da escola para a investigação.

Inicialmente, explicamos os propósitos da pesquisa, as finalidades e solicitamos a autorização das crianças para a gravação. Como Passeggi (2018) sugere, para que a entrevista narrativa fosse menos sistemática, apresentamos às crianças um boneco chamado vovô Bento. A proposta era que eles sentissem mais à vontade para contar ao Bento seus anseios, frustrações e prazer relacionados à leitura.

Iniciamos a roda perguntando o nome de cada aluno, explicamos a eles sobre o objetivo daquela roda de conversa, o porquê estávamos ali, pedimos a autorização deles para que a conversa fosse gravada, mesmo já tendo em mãos o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos pais das crianças. Apresentamos o Bento para os alunos, o fantoche o qual foi usado para interação na conversa.

Ao serem questionados sobre como é a escola e o que fazem nela, os alunos comentaram o seguinte:

P1: Então, quero que vocês falem pra ele, como é a escola, e o que vocês fazem nela?

Todos: **1** A gente estuda, **2** é um desafio né, onde a gente aprende coisas novas, **3** às vezes a gente tem medo de errar, de se arriscar, só que a escola é um lugar bem legal.

P1: Muito bem, e o que vocês fazem nela, além de estudar?

Carlos: A gente come, brinca. (risos)

P2: É isso é muito importante.

Todos: **1** A gente aprende novas coisas, **2** coisas de outras matérias, por exemplo, quando eu tinha mais ou menos uns 6/7 anos, eu passava em todas as salas que eu não entendia nada, agora que eu passo na sala do 5º ano, eu falo assim, meu Deus, nossa deve ser difícil.

P1: Como é essa mudança de fase para vocês? que vão pro primeiro, depois pro segundo.

Todos: É legal, mas é difícil, **1** é normal, **2** dá medo, **3** você vai evoluindo, **4** fazemos novos amigos, às vezes nossos amigos que é tipo desde a infância, se separa, assim né.

P1: Vai aumentando as lições né?

Todos: Éeee, bem mais.

P1: E como é a leitura pra vocês, nesse processo?

Todos: É legal, tem que saber ler...

P1: Calma ai, um de cada vez primeiro, se não a prô não consegue ouvir todo mundo, vai José.

José: Ah não, vai você. (APONTA PARA CARLOS))

P1: Vai você então Carlos, que gosta de falar.

Carlos: Tenho que treinar a leitura em casa, porque se não fica gaguejando, fica igual dj que nem a prô fala (risos), fala tu (aponta para o amigo)

P2: Mais quem vai falar?

Gustavo: É importante para a gente entender o contexto, as coisas né.

Nota-se que os estudantes compreendem a escola como um espaço de compromisso na maioria das vezes. Afinal é onde se precisa fazer lição, estudar, onde se tem medo de errar, etc. Esse medo é materializado também nas atividades de leitura, como aponta Carlos “Tenho que treinar a leitura em casa, porque senão fica gaguejando, fica igual dj que nem a prô fala (risos)”. A fala de Carlos vai dando indícios de que a leitura na escola é sistematizada, controlada, objetiva e não é trabalhado tendo como princípio o prazer de ler, haja vista a palavra “treinar” dita por ele. No decorrer da roda, eles sinalizam esse aspecto por diversas vezes como podemos observar no

excerto abaixo:

Isabela: *Eu acho que ela é importante, pois traz novos conhecimentos pra gente todos os dias né, ajuda a gente entender matemática e outras matérias também.*

Renata: *É importante pra gente aprender português... porque precisa muito da leitura.*

Isabela: *A leitura é a base de tudo !!!*

Na entrevista, ao serem questionados sobre projetos de leitura que chamaram a atenção deles na escola e como havia sido realizada, os alunos responderam o seguinte:

PI: *Vocês gostam das atividades de leitura que vocês fazem na escola?*

Todos: *Sim!*

PI: *E de qual vocês mais gostaram?*

Todos: *Aquela do Robin Hood*

Carlos: *É a da Robin Hood, foi a melhor.*

PI: *E de qual vocês não gostaram?*

Todos: *Volta ao mundo em 80 dias! (risos)*

PI: *E porque vocês gostaram de um e do outro não?*

Todos: *(Falaram ao mesmo tempo, mas querendo dizer que não foi legal, que só era uma volta em 80 dias (risos))*

Isabela: *Não teve muito sentido, o Robin Hood sempre tinha uma coisa de aventura, diferente, mas a Volta ao mundo era sempre a mesma coisa.*

P2: *E como eram as atividades de leitura que vocês fizeram? Como foi feito isso?*

Bianca: *A gente tinha que levar o livro para casa, ler, a professora entregava uma folhinha pra gente, a gente ia lendo e respondendo as perguntas.*

Diante disto, no que se refere às atividades relacionadas à leitura, podemos perceber que, os alunos alegam que gostaram, principalmente do livro Robin Hood, como diz o aluno Carlos “É a da Robin Hood, foi a melhor”, o que nos mostra que esse livro, no contexto do projeto, teve para eles um significado maior, pelo fato de que o livro aborda diversas aventuras, em relação ao outro, que, segundo eles, apenas destaca uma aposta em que o personagem principal dá a volta ao mundo em 80 dias. Contudo, esse projeto tinha o objetivo de levar o livro para casa, ler durante um mês e responder um questionário, conforme relata a aluna Bianca, “A gente tinha que levar o livro para casa, ler, a professora entregava uma folhinha pra gente, a gente ia lendo e respondendo

as perguntas”. Assim sendo, a fala da aluna Bianca reforça as palavras do autor Krug (2010) que “saber ler” e “ formar um leitor” são coisas diferentes e que precisam ser consideradas, pois neste projeto apresentado para os alunos, a idéia não é formar um leitor, mas sim treinar a leitura, responder a um questionário e apresentar um resultado.

Quando perguntados se fora o projeto, eles liam com a professora, os alunos trazem a seguinte resposta:

Carlos: *Ela nem precisa ler mais, ela só fala quem quer ler ou faz sorteio.*

PI: *E como é feita essa leitura? A Prô traz livros, vocês vêm à biblioteca?*

Bianca: *A gente não vem na biblioteca, a gente precisa pedir autorização e é na hora da aula, daí geralmente a professora traz o livro, ela lê o livro, mas a gente lê mais as atividades agora.*

Renata: *A gente lê mais livros de português, matemática, português, alguns sobre os animais, que é um outro projeto.*

Krug (2015, p.2) diz que “o professor é o responsável pela mediação da prática da leitura, é ele quem deve elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, pois quem se relaciona com livros de uma maneira segundo ela preciosa, será detentor do poder de gerar novos bons leitores.” Quando a aluna Bianca traz em sua fala a questão de só poderem ir à biblioteca mediante a autorização e somente na hora da aula “A gente não vem na biblioteca, a gente precisa pedir autorização e é na hora da aula, daí geralmente a professora traz o livro, ela lê o livro, mas a gente lê mais as atividades agora.” e a aluna Renata retrata na sua fala que “ A gente lê mais livros de Português, Matemática, Português, alguns sobre os animais, que é um outro projeto.” nos reforça que a significação para esses alunos em relação à leitura é somente a dos livros didáticos com a finalidade de responder às lições propostas neles. Assim também, ao não se relacionarem com os livros da biblioteca, os alunos não conseguem obter para si esse prazer na hora de praticar a leitura dentro e fora da escola.

Inclusive quando as pesquisadoras questionam se os mesmos gostariam de ir à biblioteca e se poderiam ir sozinhos, a aluna Bianca ainda, no diálogo com as pesquisadoras, novamente traz em sua fala o complemento do que havia dito anteriormente em relação à biblioteca, e os outros entrevistados reforçam a fala da colega.

PI: *E vocês, gostariam de vim à biblioteca?*

Todos: *Sim!*

Bianca: Mas a gente tem que pedir uma permissão e isso acaba dificultando a nossa entrada aqui, às vezes a gente vai pegar a autorização, mas quem cuida já foi embora.

P2: Vocês não podem entrar sozinhos aqui?

Isabela: Poder pode, mas tem que ter a autorização.

Todos: A professora tem que autorizar e depois a diretora.

P2: Ah então é a professora que autoriza e depois a diretora!

Rafael: A gente tem que levar para o professor e depois para o diretor, porque tem que assinar
....xiii

Visto que os alunos estavam mais à vontade, a pesquisadora ainda acrescenta a questão sobre eles não terem um momento de todos irem à biblioteca para pegarem o livro e levar para casa. De acordo com Krug (2015) para o indivíduo significar a leitura e ampliar sua visão e interpretação de mundo, a leitura precisa “*ser em um ambiente favorável, bem como se respeitar o nível sociocultural do leitor.*”

P1: Então não tem um momento que vem todo mundo, com autorização e vocês pegam o livro e levam pra casa?

Carlos: A gente já veio uma vez como todo mundo, mas foi só com a professora de inglês.

P2: Mas foi pra ler aqui ?

Todos: Não, não

P1: É que a Pro achou que vocês vinham todos reunidos, pegavam o livro e levavam pra casa ler e trazer depois.

Todos: Não, não pode

P2: Ou então até mesmo fazer a leitura aqui né.

(Uma das alunas presente na roda de conversa, relata não conhecer a biblioteca da escola quando questionada pela pesquisadora. Em seguida a mesma, dando continuidade a entrevista faz as seguintes perguntas:)

P1: E na casa de vocês, vocês leem ?

Todos: Uns sim

P1: Ou os pais de vocês leem pra vocês?

Todos: Não!

Renata: A minha mãe às vezes sim, quando ela está lendo umas coisas lá dela, daí ela lê pra mim.

P1: Só a mãe da Renata que lê para ela?

Heitor: Minha mãe nunca leu pra mim não.

Carlos: *Minha mãe trabalha e só volta de noite, nem dá pra ler.*

P1: *Mas eles incentivam vocês a lerem?*

Todos: *Sim*

Renata: *Minha mãe fica puxando no meu pé, falando Renata é pra ler.*

Vemos aqui, o quanto é essencial a presença da família na participação na introdução dos alunos no mundo letrado, pois quando a família participa ela tende a incentivar o estudante a ler. Portanto, é de suma importância, que o aluno seja direcionado à biblioteca da escola, onde possa escolher o que mais lhe atrai na hora de ter o seu momento a sós com os livros, podendo pegá-lo, levá-lo para casa tomando para si a responsabilidade de cuidar do livro e de realmente lê-lo. Como vemos no diálogo a seguir:

P1: *E vocês tem livro em casa?*

Todos: *Sim*

Carlos: *Tenho muitos livros em casa?*

P2 (Vovô): *E por que que não lê se tem livro em casa, hein?*

Carlos e Heitor: *É preguiça (risos)*

P2 (Vovô): *Mas os livros que vocês têm são de leitura ou apenas de lição?*

Todos: *De leitura*

P1: *E vocês não têm a carteirinha da biblioteca?*

Isabela: *Eu tenho, já peguei um livro pra mim sobre bullying, adolescente.*

P2: *Vocês já foram à biblioteca da cidade?*

Todos: *Não*

(Por finalidade a pesquisadora faz a seguinte pergunta):

P1: *Em relação à leitura na escola, o que vocês gostariam que tivesse? Por exemplo, vocês falaram que gostariam de vir à biblioteca, o que vocês gostariam que tivesse há mais, pra vocês poderem ler, conhecer.*

Isabela: *Poder ter mais acessibilidade pra gente poder vir aqui (a biblioteca).*

Renata: *A gente podia pegar o livro e vim aqui ler, na escola que eu estudava tinha sempre uma estante na sala de aula, que quando acabava a aula a gente podia pegar.*

Bianca: *Ter por exemplo uma aula livre só pra gente ter esse momento de leitura.*

Assim sendo, ao realizar a última pergunta vemos que, para os alunos, é muito importante terem um momento para eles, tendo uma aproximação maior em relação a biblioteca como vemos na fala de Isabela “*Poder ter mais acessibilidade pra gente poder vir aqui*”. Sousa (2010) retrata que quando a leitura e a escrita são trabalhadas de uma forma descontextualizada da vida e dos contextos sociais em que o indivíduo está inserido, torna-se inviável uma aprendizagem significativa.

Desta maneira, é essencial que o professor e a escola tenham o olhar para a leitura prazerosa, que instigue o aluno a conhecer e compreender as diferentes formas de leitura. Isso resultará no prazer de ler e os mesmos irão apresentar um resultado melhor até em sala de aula. Um aluno que lê aquilo que o agrada tende a melhorar seu vocabulário, sua imaginação, e sua compreensão do mundo ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração as exposições apresentadas neste trabalho, notou-se que especificamente a leitura por prazer tem sido realizada por “obrigação”, uma vez que as práticas pedagógicas giram em torno de levar os alunos a lerem para realizarem atividades didáticas, negando-lhe outras possibilidades. A presente pesquisa teve como objetivo compreender como crianças do 5º ano do ensino fundamental significam o trabalho com a leitura no contexto escolar. Teve ainda como objetivos específicos: 1) analisar como essas crianças vêm a escola; 2) identificar se as práticas pedagógicas têm incentivado a leitura por prazer.

Diante disso, observamos que quando falamos sobre a leitura no Ensino Fundamental, o conceito de leitura por prazer às vezes se esvai, pois, muitas vezes, na escola, o aluno se vê na obrigação de ler, o que acaba tornando a leitura chata e desprazerosa, como um dever de saber ler e compreender corretamente a ortografia da Língua Portuguesa. Deste modo, quando o aluno tem esse pensamento ocorre então o afastamento do estudante dessa prática cultural tão importante.

Krug (2015, p.2) diz que o professor é o responsável pela mediação da prática da leitura, é ele quem deve elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, pois quem se relaciona com livros de uma maneira, segundo ela, preciosa, será detentor do poder de gerar novos bons leitores.

Diante disso, vemos o quanto é importante que o professor e a escola sejam esse orientador das práticas de leitura por prazer. É preciso que o professor busque estratégias mais eficazes que despertem a curiosidade, ele e a escola devem buscar oferecer às crianças momentos prazerosos de leitura, disponibilizando livros interessantes e que atendam aos gostos pessoais, lembrando que a criança

quando chega à escola, ela já vem com um conhecimento prévio do mundo a sua volta, pois a leitura se inicia na observação do mundo. Outros, no entanto, precisam de incentivo, haja vista que poucos têm acesso a um leitor que tenha esse momento com eles. Desta forma, é na escola que eles vão buscar essa referência, é nela que eles terão, em sua grande maioria, o despertar do desejo pela leitura, algo que é diferente da sua realidade, trazendo a esses alunos novas descobertas por meio dos livros e gêneros que terão contato.

Pudemos, pela análise, refletir sobre a importância do trabalho com a leitura por prazer no âmbito escolar e o quanto essa prática faz falta para os alunos, assim como os entrevistados, que relatam sentir falta de ir à biblioteca da escola, de ter esse momento de leitura, sem precisar pedir uma autorização para algo que deveria ser livre para eles poderem explorar.

Assim sendo, a importância da pesquisa se dá ao fato da necessidade de reflexão por parte dos professores e da direção escolar, quanto à formação de leitores, que tenham prazer pela leitura, e que não vejam a leitura apenas por "obrigação" como algo específico apenas para uma determinada tarefa, ou para aprender a ler corretamente ou ler por ler. Ressaltamos ainda que essa reflexão não fique apenas determinada ao âmbito escolar, mas que possa mobilizar melhores políticas públicas que atendam e tenham um olhar diferenciado diante da importância da leitura e dos livros, não só na escola mas no contexto todo da sociedade, para que não só crianças, mas jovens e adultos queiram participar desse mundo letrado. A leitura tem que ser colocada como algo a mais, com um foco no ler porque gosta de ler. Assim, a criança busca, através do gosto, tudo aquilo que complementa o mundo a sua volta, uma vez que ler não é apenas aprendizado, ler é a reflexão de quem nós somos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. tradução: Joice Elias Costa. 3.ed. 2009. 32f. Métodos de Pesquisa, Porto Alegre, 2009.

FORTESKI, OLIVEIRA, VALÉRIO. Elaine, Sueli Terezinha de, Raquel Weber. **Prazer pela Leitura: Incentivo e o Papel do Professor**. Ágora: R. Divulg.Cient, v.18, n 2, P. 120-127, dez 2011.

KRUG, Flávia Susana. **A Importância da Leitura na Formação do Leitor**. Rei Revista de Educação do Ideau. Dezembro 2015. vol.10- Nº22. 14 f. Instituto do Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai- IDEAU.URUGUAI, 2015

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; RODRIGUES, Senadaht. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, 40, 155-169, 2018

SOUSA, Maria do Rosário Linhares de. **A Interrelação Professor/Aluno no processo de aquisição da Leitura**. 2010. 29 f. (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores. Cajazeiras-PB, 2010.